

## A [Lou]Cura como Salvação: o Caso Robert Walser

Wanessa Rayzza Loyo da F. M. Vanderlei<sup>1</sup> (UFPE)  
Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ermelinda Ferreira (UFPE)

### **Resumo:**

O presente trabalho visa a investigar um caso representativo e, ao mesmo tempo, pouco estudado da relação entre a literatura e a medicina: a “[lou]cura” de Robert Walser. O campo das discussões sobre genialidade e loucura é vasto, e já foi abordado por grandes nomes como Sigmund Freud, Karl Jaspers, Kraepelin, Cesare Lombroso, que no século XIX procuraram entender a fundo o fenômeno da criatividade manifesto na vigência de distúrbios psicológicos. No século XX, o tema continua intrigante, e alvo de estudos como *Creativity and Disease*, de Philip Sandblom e *Touched with fire*, de Kay Redfield Jamison, que buscam esclarecer o fenômeno do talento artístico, quando acompanhado de algum sofrimento de ordem mental ou espiritual. Voluntariamente internado por décadas no sanatório de Herisau, na Suíça, o escritor Robert Walser dedicou-se à elaboração de uma “literatura menor”, uma arte que, segundo ele, permitisse o seu próprio encolhimento, e até mesmo, o seu desaparecimento. O escritor suíço costumava dizer ao seu amigo Carl Seelig que não estava no sanatório para escrever, mas sim para ser louco. A loucura para Walser foi uma forma de se refugiar da fama e do sucesso, aos quais estranhamente repudiava, almejando para si a “invisibilidade” e o anonimato: “*Mas sou tão pequeno, eu. É a isto, a isto que me atenho firmemente, a ser pequeno, pequeno e insignificante*” (WALSER. *Jakob von Gunten: um diário*). Com o objetivo de investigar as relações da literatura e da medicina, selecionamos como *corpus* ficcional a obra *El Paseo*, de Robert Walser.

**Palavras-chave:** Medicina, Literatura Menor, Robert Walser.

## 1 Introdução

La gloria o el mérito de ciertos hombres consiste en escribir bien; el de otros consiste en no escribir.

Jean de la Bruyere

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e bolsista na modalidade GM do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. E-mail para contato: [wanessaloyo@hotmail.com](mailto:wanessaloyo@hotmail.com).

Aquilo que se mostra no limiar entre ser e não ser, entre sensível e inteligível, entre palavra e coisa, não é o abismo incolor do nada, mas o raio luminoso do possível.

Giorgio Agamben

Antes de iniciarmos as discussões propriamente ditas sobre a obra *Histórias de imagens*, do escritor suíço Robert Walser, faz-se necessário, na nossa opinião, conhecer quem foi esse escritor praticamente desconhecido na sua época, a quem Walter Benjamin diz que “podemos ler muitas coisas de Robert Walser, mas nada sobre ele” (BENJAMIN, 2010, p. 50). Walser ganha um pouco de notoriedade entre os leitores e a crítica somente a partir da década de 70, todavia, conforme defende Benjamin, “foi o autor favorito do implacável Franz Kafka” (BENJAMIN, 2010, p. 53). Um dos motivos para o tardio conhecimento e reconhecimento das obras dele dá-se pelo fato de Robert Walser ter ‘preferido’ ser um ‘escritor menor’, dos ‘personagens pequenos’ (ajudantes, auxiliares de escritórios, mordomos etc.) e de esperar um “pequeno ouvinte” (WALSER, 2005, p. 156).

Todavia gostaríamos de esclarecer de antemão que não pretendemos fazer neste trabalho uma crítica biográfica nos métodos desenvolvidos por Sainte Beuve e Villeman, no século XIX. Assim como, não pretendemos, conforme crítica Carmelo M. Bonet sobre o método biográfico, bisbilhotar a vida do escritor suíço para retirar das “páginas dormidas, mudas, jazentes, peça por peça, um homem, o autor que nelas se verteu, e em surpreender seu tique familiar, e êsse vinco da alma, doloroso e recoleto que em vão se deseja dissimular.” (BONET, 1969, p.61-62).

Pretendemos sim, recuperar alguns dados sobre a biografia de Walser – até hoje pouco conhecida dos leitores – que compreendemos que possam nos *auxiliar* na compreensão da sua estética e não as utilizar da forma *determinista* defendida por Beuve<sup>2</sup>. Pois compartilhamos da ideia de Roland Barthes de que é possível encontrar *sombra* na obra de arte:

Alguns querem um texto (uma arte, uma pintura) sem sombra, cortado da <<ideologia dominante>>; mas isso é querer um texto estéril (veja-se o mito da Mulher sem Sombra). O texto tem necessidade da sua sombra: essa sombra é um pouco de ideologia, um pouco de representação, um pouco de sujeito: fantasmas, bolsos, rastos, nuvens necessárias: a subversão tem de produzir o eu próprio claro-escuro. (BARTHES, 1973, p. 72).

Assim como, acreditamos, baseados na teoria de Antonio Candido, que os elementos externos a obra tornam-se internos, compondo assim a própria obra<sup>3</sup>, portanto, “o *externo*

---

<sup>2</sup> Sainte Beuve argumentava que: “Posso apreciar uma obra, porém, me é difícil *julgá-la independentemente do conhecimento do homem que a fez*. Diria de bom grado de *tal árvore, tal fruto*” (BEUVE apud BONET, 1969, p. 69, grifos nossos).

<sup>3</sup> Para uma melhor compreensão desse fenômeno pode ser encontrada na teoria de Wolfgang Iser (ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a, v. 2, p. 955–987) quando ele explica os três

(no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (CANDIDO, 2006, p. 14). Portanto, neste trabalho, utilizamos alguns pontos da biografia de Walser como subsídio para análise de como ele conseguiu a tão almejada “invisibilidade” e anonimato tematizado em sua obra *El Paseo*.

## 2 Robert Walser: a escrita como forma de se ausentar e de des-existência<sup>4</sup>

Me gusta ocultar mis sentimientos a los ojos de mis congéneres sin que, no obstante, me esfuerce aprensivamente en hacerlo, lo que consideraría un gran defecto y un gran tontería.

Robert Walser, 1996, p. 10

Robert Walser nasceu em 1878 na cidade de Berna, logo cedo teve que abandonar os estudos por questões econômicas e começou a dedicar-se a pequenos trabalhos que, provavelmente, os auxiliaram na criação das suas personagens<sup>5</sup>. Segundo defendem alguns críticos, como Bernhard Echte (2011), foi Robert um dos primeiros a trazer na língua alemã a descrição da vida de assalariados para a literatura.

O grande responsável para a obra de Robert Walser não ter se perdido completamente deve-se a Carl Seelig<sup>6</sup> que durante os anos de internamento de Walser ia com frequência visitá-lo. Durante suas visitas eles conversavam durante as suas longas caminhadas, que originou o livro *Wanderungen mit Robert Walser*<sup>7</sup>.

Nessas longas conversas com Seelig, a quem Enrique Vila-Matas chama de “fiel amigo”, Walser o avisa: “Não estou aqui para escrever, mas para ser louco”<sup>8</sup>. Loucura que o escritor suíço teve que conviver por quase as suas últimas três décadas e que permitiu a sua “cura” ao torná-lo invisível, insignificante e pequeno perante a sociedade. O fato dele ser ou não louco, no nosso entendimento, quanto ao tocante da crítica literária, não faz diferença para a análise da sua obra, pois, como explica Gilles Deleuze, um autor não

---

grandes processos de transgressão do texto: seleção, combinação e como se (o fictício).

<sup>4</sup> Subtítulo inspirado no capítulo IV, “Escribir para ausentarse”, da obra *Doctor Pasavento*, de Enrique Vila-Matas e na obra *O lugar do anjo: Ensaios Pessoaanos*, de Eduardo Lourenço.

<sup>5</sup> Conforme defende J. M. Coetzee (2011, p. 34), Walser “por medida de prudência, matriculou-se ao mesmo tempo numa escola de formação de criados domésticos” o que serviram de inspiração para a construção de suas obras, especialmente *Jakob von Gunten*, em que “essas vivências [de Robert] são assombrosamente transmutadas” (COETZEE, 2011, p. 35).

<sup>6</sup> Carl Seelig após a morte Karl e Lisa Walser, irmãos de Robert Walser, passou a ser o responsável legal do escritor suíço.

<sup>7</sup> Esta obra de Seelig ainda não foi traduzida para a língua portuguesa, mas podemos encontrar a versão espanhola publicada pela editora Siruela com o título *Paseos con Robert Walser*. Este livro originou um documentário sobre as últimas décadas de Walser chamado de *Der Vormund und sein Dichter* (1978), dirigido por Percy Adlon.

<sup>8</sup> Como pode ser visto no blog: <http://anaturezadomal.blogspot.com.br/2012/04/humildade-em-herisau.html>. Acesso em 04/05/2012.

escreve com a sua doença:

*Não se escreve com as próprias neuroses. A neurose, a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido, colmatado. A doença não é processo, mas parada do processo, como no "caso Nietzsche". Por isso, o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo e o conjunto dos sintomas cuja doenças se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (haveria aqui a mesma ambigüidade que no atletismo), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. (DELEUZE, 1997, p.13-14, grifos nossos).*

Em uma das conversas com Seelig, Walser deixa claro a sua vontade de ser “um zero à esquerda, um zero à esquerda, um zero muito redondo e encantador” (WALSER, 2005, p. 10), ou seja, um “escritor pequeno”, talvez por acreditar, assim como seu personagem Jakob von Gunten, “ser demasiado senhor de si é insolência. *Para quê contar com feitos importantes na vida? Terá de ser assim? Mas sou tão pequeno, eu. É a isto, a isto que me atenho firmemente, a ser pequeno, pequeno e insignificante*” (WALSER, 2005, p. 139, grifos nossos). Essa vontade de não ser reconhecido foi recuperado por Enrique Vila-Matas, como pode ser observado no excerto abaixo da obra *Bartleby y compañía*:

De los aullidos sin ruido de Walser tenemos el amplio testimonio de Carl Seelig, el fiel amigo que siguió visitando al escritor cuando éste fue a parar a los manicomios de Waldau y de Herisau. Elijo entre todos el «retrato de un momento» (ese género literario al que tan aficionado era Witold Gombrowicz) en el que Seelig sorprendió a Walser en el instante exacto de la verdad, ese momento en el que una persona, con un gesto —el movimiento de cabeza en señal de aprobación de Hölderlin, por ejemplo— o con una frase, delata lo que genuinamente es: «No olvidaré nunca aquella mañana de otoño en la que Walser y yo caminamos de Teufen a Speichen, a través de una niebla muy espesa. Le dije aquel día que quizás su obra duraría tanto como la de Gottfried Keller. Se plantó como si hubiese echado raíces en la tierra, me miró con suma gravedad y me dijo que, si me tomaba en serio su amistad, no le saliese jamás con semejantes cumplidos. Él, Robert Walser, era un cero a la izquierda y quería ser olvidado.» (VILA-MATAS, 2009, p. 9).

Essa renúncia em não querer ser visto como um escritor e, cada vez mais, a predominância do desejo de ser enxergado como um louco remete-nos novamente a teoria desenvolvida por Deleuze quando argumenta que escrever é também tornar-se outra coisa que não escritor. Aos que lhe perguntam em que consiste a escrita, Virginia Woolf responde: “Quem fala de escrever? O escritor não fala disso, está preocupado com outra coisa” (DELEUZE, 1997, p. 16). Com passar dos anos, essa ‘preferência’ em ser um ‘escritor pequeno’ ganha mais força em Walser, até ele começar a, de fato, ‘preferir’ não ser escritor. É como se ele passasse a seguir a fórmula de Bartleby<sup>9</sup> do *I would prefer not*

<sup>9</sup> Personagem criado por Herman Melville na sua narrativa chamada *Bartleby, o escriturário: uma história de Wall Street*.

to (Preferiria não), conforme destaca Deleuze, essa “fórmula é arrasadora, devastadora, e nada deixa subsistir atrás de si” (DELEUZE, 1997, p. 82).

Nesse tocante, Giorgio Agamben chama atenção para o próprio fato de ‘preferir não’ é em si próprio uma forma de potência. Agamben recupera a visão dos teólogos medievais<sup>10</sup> de que existiam duas formas de potências: a primeira é a *potência absoluta*, na qual Deus pode fazer qualquer coisa; e a segunda é a *potência ordinata*, na qual “ele [Deus] pode fazer somente aquilo que se acorda com a sua vontade. A vontade é todo o princípio que consente pôr ordem no caos indiferenciado da potência” (AGAMBEN, 2007, p. 26). E conclui que a junção dessas potências é que fazem a irredutibilidade do *I would prefer not to*: “a interrupção [vista como um ato de decriação] da escrita marca a passagem à criação segunda, na qual Deus reclama para si a sua potência de não ser e cria a partir do ponto de indiferença de potência e impotência” (AGAMBEN, 2007, p. 47).

Portanto, quando Walser escolhe não escrever mais, ele continua a realizar uma forma de potência. Talvez Walser concordasse com o argumento de se silenciar da personagem Simon, da obra *Irmãos Tanner*, quando ela diz que “não tenho razões para me queixar, para pular de alegria ainda menos, *para me calar tenho todas as razões do mundo*” (WALSER, 2009, p. 13, grifo nosso).

Antes de parar definitivamente de escrever, Walser passou a se dedicar nos sanatórios a uma técnica de microescrita que ficou conhecida como *microgramas*<sup>11</sup> que graças aos trabalhos de mais de quinze anos de Werner Morlang e Bernhard Echte foram decifrados e levados ao conhecimento dos leitores. Essa técnica consistia em uma forma de escrita com letras minúsculas quase ilegíveis de tão pequenas, além de serem, muitas vezes, feita a lápis – o que ficou conhecido pelos termos criados pelo próprio Walser de “sistema do lápis” ou “método do lápis” –, como pode ser observado na imagem abaixo:

---

<sup>10</sup> Além de retomar a forma de potência defendida pelos teólogos na Idade Média, Giorgio Agamben retoma as três formas de potências defendidas por Avicena: a *potência material* que se assemelha a uma criança que poderá aprender a escrever, mas que ainda não possui essa capacidade; a *potência fácil ou possível* que ocorre quando uma criança começa a familiarizar-se com a pena e a tinta e só consegue escrever algumas palavras; e a *potência completa ou perfeita* que acontece quando um escriba conhece perfeitamente a “arte de escrever, no momento em que não escreve” (AGAMBEN, 2007, p. 15). Esta última forma de potência é a que encontramos em Robert Walser.

<sup>11</sup> Os microgramas escritos entre 1924 e 1932 podem ser encontrados em três volumes da editora Siruela chamados de *Escritos a lápis: Micrograma I* (1924-1925), *Escritos a lápis: Micrograma II* (1926-1927) e *Escritos a lápis: Micrograma III* (1925-1932).

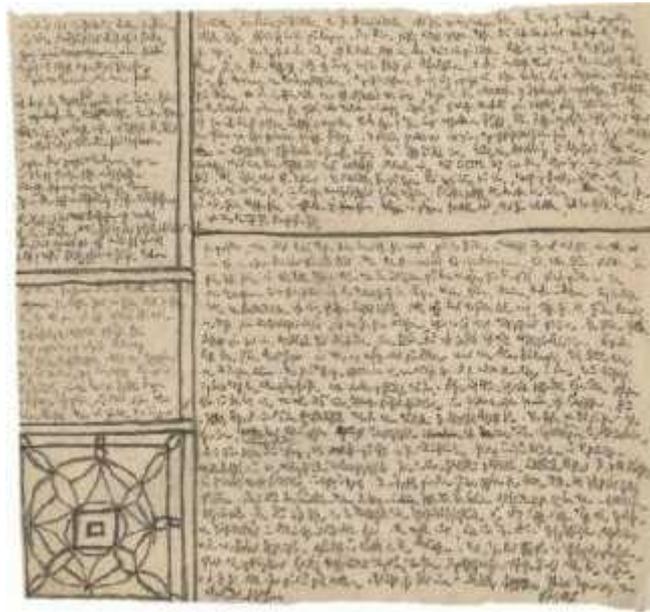


Figura 1 - *Microgramas*

Um fato interessante - e que pode ser enriquecido com estudos na área da psicologia - é que, conforme argumenta Coetzee, o escritor suíço entre os seus trinta e os seus quarenta anos começou a sofrer de “cãibras psicossomáticas” na mão direita o que o impossibilitou de escrever com caneta, e fez uma grande transformação na sua caligrafia que anteriormente era tida como “bela”, durante algum tempo foi considerada como um código de tão indecifrável. Walser “atribuía o problema a uma animosidade inconsciente contra a caneta como instrumento de trabalho, e só conseguiu superá-las quando finalmente abandonou a caneta em favor do lápis” (COETZEE, 2011, p. 41). Apesar de o escritor suíço utilizar da caneta para escrever cartas e transcrições, o método do lápis possibilitava uma maior liberdade na hora da sua escrita literária, como explica ainda Coetzee:

[...] como um desenhista com um bastão de carvão entre os dedos, Walser precisava desencadear um movimento regular e rítmico da mão antes de conseguir entrar num estado de espírito em que o devaneio, a composição e o fluxo do instrumento de escrita se tornavam uma coisa só (COETZEE, 2011, p. 42).

No dia do natal de 1956, Robert Walser falece sozinho durante uma caminhada vitimado de um ataque cardíaco. Além de Carl Seelig, Werner Morlang e Bernhard Echte, a obra de Walser sobreviveu e ganha atualmente um maior interesse do público por causa do escritor espanhol Enrique Vila-Matas que através do seu fascínio por ‘escritores menores’ recupera a biografia e as obras do escritor suíço. A admiração por Walser pode ser observada no excerto abaixo:

En Walser, el discreto príncipe de la sección angélica de los escritores, pensaba yo a menudo. Y hacía ya años que era mi héroe moral. Admiraba de él la extrema repugnancia que le producía todo tipo de poder y su temprana renuncia a

toda esperanza de éxito, de grandeza. Admiraba su extraña decisión de querer ser como todo el mundo cuando en realidad no podía ser igual a nadie, porque no deseaba ser nadie, y eso era algo que sin duda le dificultaba aún más querer ser como todo el mundo. Admiraba y envidiaba esa caligrafía suya que, en el último periodo de su actividad literaria (cuando se volcó en esos textos de letra minúscula conocidos como *microgramas*), se había ido haciendo cada vez más pequeña y le había llevado a sustituir el trazo de la pluma por el del lápiz, porque sentía que éste se encontraba «más cerca de la desaparición, del eclipse». Admiraba y envidiaba su lento pero firme deslizamiento hacia el silencio (VILAMATAS, 2005, p. 16).

### 3 *El Paseo*: a fantasia de ser considerado louco

<<Todo esto>>, me propuse en silencio mientras me detenía, <<lo escribiré después en una obra de teatro o en una especie de fantasía que titularé *El paseo*.

Robert Walser, 1996, p. 28

Robert Walser, como vimos na sessão anterior, encontrou como refugio o hospício onde passou as últimas décadas da sua vida. Em *El Paseo*, obra dedicada a narrar um pouco o cotidiano do escritor no hospício de Herisau, Walser questiona-se em que outro lugar ele poderia estar se não fosse no hospício? onde ele teria o isolamento que tanto desejava?: ¿Dónde estaría yo si no pudiera estar aquí? Aquí lo tengo todo, y en otra parte no tendría nada” (WALSER, 1996, p. 59). O hospício permitia para Walser o anonimato/desaparecimento que ele tão almejava para o sua vida.

Como podemos perceber em *El Paseo*, a [lou]cura para Walser a sua salvação por ter permitido o seu afastamento quase total com o mundo e o desenvolvimento do seu olhar cada vez mais introspectivo. No hospício, ele, por ter bom comportamento, era liberado para fazer seus longos passeios livremente pelos arredores de Herisau. Nesses passeios o escritor suíço refletia sobre a arte de escrever e de viver, vagar, assim como para um *flâneur*, possibilitava o equilíbrio necessário para dar continuidade a sua existência, i. e., a caminhada servia para ele como uma forma terapeutica de autoconhecimento.

A respeito da necessidade de realizar cotidianamente as suas caminhadas, Walser afirma que:

El señor director o señor tasador dijo:

- ¡Pero siempre se le ve paseando!

- Pasear – respondí yo – *me es imprescindible*, para animarme y para mantener el contacto con el mundo vivo, sin cuyas sensaciones *no podría escribir media letra* más ni producir el más leve poema en verso o prosa. *Sin pasear estaría muerto*, y mi profesión, a la que amo apasionadamente, estaría aniquilada. [...] Para mí pasear no sólo es *sano* y bello, sino también conveniente y útil. [...]

Al paseante le acompaña siempre algo curioso, reflexivo e fantástico, y sería tonto si no lo tuviera en cuenta o incluso lo apartara de sí; pelo no lo hace; más bien da la bienvenida a toda clase de extrañas y peculiares manifestaciones, hace amistad y confraterniza con ellas, porque le encantan, las convierte en cuerpos con esencia y configuración, les da formación y ánima, mientras ellas por su parte lo animan y forman. En una palabra, me gano el pan de cada día *pensando*,

*cavilando, hurgando, excavando, meditando, inventando, analizando, investigando y paseando tan a disgusto como el que más* (WALSER, 1996, p. 52-56, grifos nossos).

As caminhadas em Herisau possibilitavam a Robert Walser continuar com a sua “doctrina contemplativa” (WALSER, 1996, p. 77) para continuar a escrever e viver. É interessante observarmos que para ele a escrita é concebida como uma atividade tão cansativa como o trabalho da terra, talvez daí a sua necessidade de contemplar a natureza e, especialmente, o cair dos flocos de neve. A elaboração da arte é concebida como a direção da guerra, “tan pesados y necesitados de paciência”:

En los últimos tiempos, he llegado a la convicción de que el arte y la dirección de la guerra son casi tan pesados y necesitados de paciencia como el arte poético, y viceversa. También los escritores efectúan a menudo, como los generales, los más prolongados preparativos antes de avanzar para el ataque y atreverse a librar una batalla o, en otras palabras, lanzar un artilugio o libro al mercado, lo que suena desafiante y excita por tanto con fuerza potentes contraataques. ¡Los libros atraen las recensiones, y a veces estas son tan enconadas que el libro ha de morir y el autor tiene que desesperarse! (WALSER, 1996, 29).

Ao conversar com um banqueiro para tentar evitar o aumento da cobrança de impostos, Walser deixa claro a sua condição de pequeno escritor, de homem sem bens e da angústia que ele sentia de suas obras não terem caído no gosto do público:

como pobre escritor y plumífero u *homme de lettres* disfruto de unos muy cuestionables ingresos. Naturalmente, en mí no se puede apreciar ni hallar rastro de cualquier acumulación patrimonial. Constato esto muy a pesar mío, sin por otra parte desesperarme ni llorar ante el lamentable hecho. Me las voy arreglando, como suele decirse. No practico lujo alguno; eso puede calificarse de suficiente y escasa. Se le habrá ocurriendo creer que soy dueño y administrador de múltiples ingresos; pro me veo obligado a salir cortés, pero decididamente al paso de esta creencia y de todas estas sospechas y decir la sencilla y desnuda verdad, y esta es en todo caso que estoy libre de riquezas, pero en cambio cargado de toda clase de pobreza, de lo que tendrá la bondad de tomar nota. Los domingos no me puedo dejar de ver en la calle, porque no tengo ropa de domingo. En lo que respecta a vida sólida y ahorrativa, recuerdo a un ratón de campo. Un gorrión tiene más expectativas de convertirse en acomodado que el presente informante y contribuyente. He escrito libros que por desgracia no han gustado al público, y las consecuencias de ello son angustiosas (WALSER, 1996, p. 50-51).

Já que as suas tentativas de firmar-se como escritor não deram os resultados esperados, o escritor suíço prefere utilizar a forma de Bartleby, *Preferiria não*, no refúgio do hospício. Walser, ainda em *El Paseo*, explica a uma personagem que encontra no meio de seu passeio que estar “enfermo por dentro”:

Vine hace algún tiempo a esta región saliendo de frías, tristes y estrechas circunstancias, enfermo por dentro, por completo carente de fe, sin seguridad ni confianza, sin hermosa esperanza alguna, alejado y enemistado con el mundo y

conmigo mismo. El temor y la desconfianza me tenían preso y me acompañaban en cada uno de mis pasos. Pero poco a poco perdí ese innoble y feo prejuicio. Volví a respirar más tranquilo y más libre...y volví a ser un hombre más hermoso, más cálido, más feliz. Poco a poco vi desaparecer los temores que llenaban mi alma; la tristeza y el vacío de mi corazón y la desesperanza se transformaron lentamente en alegre y serena satisfacción y en un agradable y vivo interés que aprendí a sentir de nuevo. Estaba muerto, y ahora es como si alguien me hubiera elevado y alentado. Donde creía tener que sufrir muchas cosas feas, duras e inquietantes, encuentro el encanto y la bondad, y lo hallo todo tranquilo, familiar y bueno (WALSER, 1996, p. 26).

## Conclusão

A busca de Robert Walser pelo autodesaparecimento, por se tornar pequeno e ignorado, é transpassado para a sua obra de arte até o ponto em que ele não consegue mais ou, como *Bartleby*, prefere não escrever mais. O hospício de Herisau foi o único local que ele conseguiria habitar, lá, como ele mesmo afirma na sua obra *El Paseo*, ele “habitaba en todas partes y en ninguna” (WALSER, 1996, p. 31).

O gosto pelo passeio é talvez o único prazer que continua presente na vida do autor suíço, cada vez mais, ele queria seguir o seu caminho “como un buen haragán, fino vagabundo y holgazán o derrochador de tiempo y rotamundos” (WALSER, 1996, p. 30). O flunar e a [lou]cura foram fundamentais para Walser como processo de salvação e até mesmo de continuidade da vida.

### ▪ Em livros e artigos:

AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby, escrita da potência*. Lisboa: Editora Assírio & Alvim, 2007.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de Maria Margarida Barahona e Prefácio de Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Edições 70, 1973.

BENJAMIN, Walter. Robert Walser. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2010, p. 50-53.

BONET, Carmelo M. Sainte-Beuve e a crítica biográfica. in: \_\_\_\_\_. *Crítica literária*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1969, p. 55-76.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COETZEE, J. M. Robert Walser. in: \_\_\_\_\_. *Mecanismos internos: ensaios sobre literatura (2000-2005)*. Introdução de Derek Attridge e tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Cia das Letras, 2011, p. 33-50.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

VILA-MATAS. Enrique. *Bartleby y compañía*. Barcelona: Anagrama, 2009.

\_\_\_\_\_. *Doctor Pasavento*. Barcelona: Anagrama, 2005.

WALSER, Robert. *El Paseo*. Madrid: Ediciones Siruela, 1996.

\_\_\_\_\_. *Irmãos Tanner*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.

\_\_\_\_\_. *Jakob von Gunten: um diário*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. *Histórias de imagens*. Posfácio por Bernhard Echte. Tradução de Pedro Sepúlveda. Lisboa: Cotovia, 2011.

▪ **Em sites e blogs:**

*A humildade em Herisau*. Disponível em:

<<http://anaturezadomal.blogspot.com.br/2012/04/humildade-em-herisau.html>>. Acesso em 04/05/2012.

Drawings on writing. Disponível em: <<http://www.drawingsonwriting.org/page51.htm>>. Acesso em 04/05/2012.

*Der Vormund und sein Dichter (1978)*. Disponível em:

<<http://movies.nytimes.com/movie/157205/Der-Vormund-und-sein-Dichter/overview>>. Acesso em 04/05/2012.

*Passeios sem Robert Walser*. Disponível em: <<http://blogdoims.uol.com.br/ims/passeios-sem-robert-walser/>>. Acesso em 04/05/12.

*Wandering with Robert Walser*. Disponível em:

<<http://sebald.wordpress.com/category/carl-seelig/>>. Acesso em 04/05/12.

---

i Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e bolsista na modalidade GM do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. E-mail para contato: [wanessaloyo@hotmail.com](mailto:wanessaloyo@hotmail.com).